

MARIA JOSÉ ARAÚJO MOUTA: formação docente e práticas educativas na periferia de Fortaleza

Maria Aparecida Alves da Costa¹

Cyntia Maria Silva Vasconcelos²

Marília Duarte Guimarães³

Resumo: O texto trata da biografia de Maria José Araújo Mouta, doravante Mazé Mouta, professora que atuou por 25 anos em escolas estaduais na periferia de Fortaleza, especificamente no bairro Conjunto Esperança. Partindo dessa base, o objetivo é compreender a formação e a prática docente de Mazé Mouta na periferia de Fortaleza-Ce. A pesquisa está amparada nos pressupostos teóricos da História Cultural e metodologicamente na História Oral, na qual a narrativa da professora foi a principal fonte de análise para o desenvolvimento de sua história de vida. Os resultados apontam que Mazé Mouta nasceu na região norte do Ceará, na cidade de Massapê, escolarizou-se ainda em casa com os ensinamentos de sua mãe e posteriormente estudou em escolas estaduais, assim como em particulares através da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), onde concluiu o Ensino Pedagógico. Ainda, é possível ressaltarmos que sua prática educativa iniciou em escolas de Massapê e posteriormente migrou-se para Fortaleza dedicando-se a escolas de ensino fundamental e médio, na periferia de Fortaleza, atuando principalmente na gestão da Escola Adélia Brasil Feijó no bairro Conjunto Esperança.

Palavras-chave: Mazé Mouta; Biografia de educadoras; História da Educação; Trajetória formativa; professora periférica.

MARIA JOSÉ ARAÚJO MOUTA: teacher training and educational practices on the outskirts of Fortaleza

¹Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE). Doutora em Educação pelo PPGE-UECE. Integrante do grupo Práticas Educativas Memórias e Oralidades. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5213-4869> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3305904539863361> E-mail: maria.alves@ifce.edu.br

² Licenciatura em Pedagogia pela FaC, Mestrado em Ensino e Formação Docente pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE). Doutoranda pela Universidade de Salamanca. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1929-7716> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7004542510435224> E-mail: cyntiasvasconcelos@gmail.com

³ Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Doutora e Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui graduação em pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de pesquisa Formação Docente, História e Política Educacional (GPFOHPE/UFC) e do grupo Educação, Cultura Escolar e Sociedade (EDUCAS/UECE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6808-1570> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9339328106325165> E-mail: mariliaguimaraes.trab@hotmail.com

Abstract: The text deals with the biography of Maria José Araújo Mouta, hereafter Mazé Mouta, a teacher who worked for 25 years in state schools on the outskirts of Fortaleza, specifically in the Conjunto Esperança neighborhood. Based on this, the aim is to understand Mazé Mouta's training and teaching practice on the outskirts of Fortaleza. The research is based on the theoretical assumptions of Cultural History and methodologically on Oral History, in which the teacher's narrative was the main source of analysis for the development of her life story. The results show that Mazé Mouta was born in the northern region of Ceará, in the town of Massapê. She was taught at home by her mother and later studied in state schools, as well as in private schools through the National Campaign for Community Schools (CNEC), where she completed her Pedagogical Education. We can also point out that her educational practice began in schools in Massapê and she later moved to Fortaleza, working in primary and secondary schools on the outskirts of Fortaleza, mainly managing the Adélia Brasil Feijó School in the Conjunto Esperança neighborhood.

Keywords: Mazé Mouta; Biography of educators; History of Education; Formative trajectory; Peripheral teacher.

MARIA JOSÉ ARAÚJO MOUTA: formação de professores y prácticas educativas en la periferia de Fortaleza

Resumen: El texto aborda la biografía de Maria José Araújo Mouta, en adelante Mazé Mouta, profesora que trabajó durante 25 años en escuelas públicas de la periferia de Fortaleza, concretamente en el barrio Conjunto Esperança. A partir de ahí, el objetivo es comprender la formación y la práctica docente de Mazé Mouta en la periferia de Fortaleza. La investigación se basa en los presupuestos teóricos de la Historia Cultural y metodológicamente en la Historia Oral, en la que la narración de la profesora fue la principal fuente de análisis para el desarrollo de su historia de vida. Los resultados muestran que Mazé Mouta nació en la región norte de Ceará, en la ciudad de Massapê. Fue educada en casa por su madre y posteriormente estudió en escuelas estatales, así como en escuelas públicas a través de la Campaña Nacional de Escuelas Comunitarias (CNEC), donde completó su Educación Pedagógica. Cabe destacar que su práctica educativa se inició en escuelas de Massapê y posteriormente se trasladó a Fortaleza para trabajar en escuelas primarias y secundarias de la periferia de Fortaleza, trabajando principalmente en la dirección de la Escuela Adélia Brasil Feijó, en el barrio Conjunto Esperança.

Palabras clave: Mazé Mouta; Biografía de educadores; Historia de la educación; Trayectoria formativa; Profesor periférico.

INTRODUÇÃO

Sabemos que as pesquisas acerca do gênero feminino foram apagadas ao longo da história, uma vez que apenas as histórias de grandes heróis, mártires e políticos eram valorizados e eternizados pela historiografia (Burke, 2010), e ainda assim, quando as mulheres apareciam na historiografia, suas histórias de vida eram contadas por homens, ou seja, sempre passava pela legitimação do gênero oposto.

A partir da segunda metade do século XX, os estudos biográficos passaram a ser compreendidos e cada vez mais aceitos como componente historiográfico e de registro de sujeitos que até então eram silenciados. Partindo dessa perspectiva, é notório que os “estudos de cunho biográfico que contam a história de mulheres educadoras vêm tendo cada vez mais destaque nos espaços de disseminação da produção do conhecimento” (Stascxak, Pinto, Costa, 2023, p. 28).

A exemplo do que foi citado acima, alguns grupos de pesquisa de Programas de Pós-Graduação, como o Grupo Práticas Educativas Memórias e Oralidades da Universidade Estadual do Ceará, se debruça sobre pesquisas biográficas no campo da história da educação, biografando diversas mulheres educadoras no estado do Ceará e outros estados, como Margarete Sampaio (Fialho; Costa e Leite, 2022), Célia Goiana (Fialho e Carvalho, 2017), Josete Sales (Fialho; Sousa e Nascimento, 2022), Aída Balaio (Fialho; Lima e Queiroz) Cinobelina Elvas (Costa, 2019), Letícia Nascimento (Costa, 2023), Zeleide Queiroz (Fialho; Freire e Sousa, 2023), Alba Frota (Fialho e Stacxak; 2024), Fátima Sampaio da Silva (Nogueira; Cunha e Fialho, 2023), Jovita Feitosa (Soares e Viana, 2016) dentre outras.

Partindo dessa compreensão, a pesquisa em tela está situada no campo da História da educação e visa contribuir com a história da educação do Ceará a partir de um estudo biográfico acerca da trajetória formativa e profissional

de Mazé Mouta, professora que se destacou na gestão de escolas estaduais da periferia de Fortaleza entre as décadas de 1980 a 2015.

É pertinente ressaltarmos que Mazé Mouta, atualmente, é uma professora aposentada e que dedicou mais de 25 anos de docências em escolas periféricas na capital cearense. A educadora nasceu na cidade de Massapê, no interior no estado e enfrentou algumas dificuldades para conseguir formação para a docência e migrar para a capital, onde desenvolveu a maioria do tempo de sua prática educacional.

Diante disso, questionamos: como se deu a formação e prática educativa de Mazé Mouta na periferia de Fortaleza? Para respondermos a tal questionamento elencamos o seguinte objetivo: compreender a formação e a prática docente de Mazé Mouta na periferia de Fortaleza-Ce entre as décadas de 1980 a 2015.

A justificativa pelo recorte temporal é que a biografada iniciou sua docência ainda no interior do Ceará, como professora contratada do estado, e em 2015 foi o ano de sua aposentadoria.

O interesse por esse tipo de estudo é por compreendermos que os estudos biográficos contribuem para a valorização dos sujeitos que compõem a história de um tempo, de um povo ou de uma cultura, além de ensejar visibilidade para as pessoas biografadas, uma vez que estas, ao longo do tempo “muitas vezes acabam sendo esquecidos e seus relatos perdidos” (Costa, Costa e Carvalho, 2022, p. 8).

Além disso, é pertinente destacarmos que estudando a vida de um sujeito comum, a partir das biografias, podemos entender e compreender contextos semelhantes aos que foram vividos pela nossa biografada, principalmente ao contexto da história da educação do estado do Ceará, pois “a biografia de um sujeito, no entanto, retrata muito mais que uma vida privada e alheia à coletividade, porque, enquanto ser social, o indivíduo interfere no seu contexto assim como é influenciado pela conjuntura social em que si insere” (Fialho; Santos e Sales, 2019, p. 17).

Para melhor compreensão leitora, o presente artigo está dividido da seguinte forma: introdução, na qual expomos os principais elementos de uma pesquisa científica, como a problemática, o objetivo e a justificativa; metodologia: onde apresentamos os principais caminhos metodológicos que a pesquisa percorreu para chegar em seus resultados; resultados e discussões, abordamos o percurso formativo e prática pedagógica da biografada, e por fim, trouxemos as nossas considerações finais, na qual refletimos sobre os resultados e achados do estudo, ao retomarmos o objeto de estudo e enfatizar os pontos relevantes dessa produção.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da presente pesquisa nos amparamos na abordagem qualitativa, na qual se acordo com Flick (2009, p. 20), ela é “de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida”, ou seja, esse tipo de abordagem valoriza a subjetividade dos sujeitos, bem como analisa suas singularidades e dinamicidade.

Ante a esse mote, as pesquisas que valorizam os sujeitos e suas subjetividades são recentes, partindo do princípio que a historiografia antigamente tida como oficial valorizava apenas documentos chancelados pelo governo ou a igreja (Burke, 2021), bem como eram selecionados os fatos e acontecimentos que eram “dignos” de serem narrados e eternizados através da escrita histórica.

Todo esse contexto começou a tomar nova forma a partir de uma nova perspectiva de pensar e escrever a história, a partir da História Cultural, especificamente a partir da terceira geração de Annales, pois os estudiosos começaram e se interessar por uma perspectiva singular dos sujeitos, ou seja, a vida de pessoas comuns também importam e essas pessoas também são sujeitos históricos (Pesavento, 2014).

De acordo com Chartier (1990, p. 17) a História Cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos

uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” sendo assim, a História Cultural abrange todo um processo de entendimento de história de vida de sujeitos comuns, bem como suas culturas e seus contextos.

Partindo dessa ideia, os estudos biográficos, que antes eram escritos para contar histórias de heróis, como é retratada por Homero em sua Odisseia, assim como também era um gênero mais ligado à literatura do que à história (Xavier, Fialho e Vasconcelos, 2018), a partir da História Cultural a biografia tomou rumos diferentes, haja vista que esta agora passou a contribuir de forma direta com os estudos em diversas áreas, como neste estudo que é utilizada no campo da história da educação.

Corroborando essa ideia, Dosse (2015, p. 11), afirma que “a biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias”. Ainda é possível ressaltar de acordo com Borges (2015, p. 214) que “a própria vida do biografado fornecerá pistas para outras fontes, como sua produção no campo da arte, indústria, da política, da ciência etc.”

De acordo com os autores acima citados, a principal fonte para a escrita de biografias é a vida do biografado, isto é, os fatos e acontecimentos vivenciados pelo biografado servem de suporte para a escrita de sua história de vida, mas não só isso, através de uma vida, conseguimos compreender contextos diversos que o sujeito biografado estava inserido (Loriga, 2011).

Para melhor desenvolvermos a biografia da professora acima citada, recorreremos à metodologia da História Oral, que de acordo com Alberti (2015, p. 164), “a história oral é um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas sociais”.

A História Oral se faz necessária em várias pesquisas e em campos diferentes por sua variabilidade de usos, uma vez que ela possibilita o registro dos relatos orais dos sujeitos colaboradores de uma pesquisa científica.

É pertinente ressaltar também que a História Oral se utiliza da memória dos entrevistados, pois só é possível narrar algo que aconteceu, seja em um

espaço curto de tempo, seja o que aconteceu em tempos pretéritos quando lembramos de algo, pois, como assevera Le Goff (1990, p. 423),

A memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.

Como instrumento de coleta dessas narrativas, optamos pelas entrevistas livres em História Oral, haja vista que para (Meihy; Holanda, 2007, p. 17), as entrevistas são “a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim”.

A entrevista foi realizada com a biografada no mês de junho de 2024, via google meet, uma vez que estávamos impossibilitadas de realizarmos pessoalmente, pois a biografada estava passando uma temporada na Europa. Contudo, a entrevista foi realizada no dia 7 de junho e teve duração média de 1h30min.

A princípio explicamos o objetivo da entrevista, onde ressaltamos a importância desta, assim como explicamos também a respeito dos aspectos éticos, nos quais utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Validação das entrevistas, sendo o seguinte procedimento: as entrevistas foram gravadas, transcritas, validadas e textualizadas para realizarmos as análises necessárias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Maria José Araújo Mouta, ou apenas Mazé Mouta, como iremos chamá-la neste escrito, é mãe de dois filhos, e professora aposentada da secretaria estadual de Educação do Ceará. Nasceu no dia 09 de maio de 1958, em uma fazenda chamada Iticarã, num distrito de Massapê⁴, cidade localizada na região

⁴ De acordo com o IBGE (2022), Massapê é um município cearense distante 250 km da capital, Fortaleza. Com população de aproximadamente 38 mil habitantes. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/massape/panorama>.

norte do Ceará. É a filha do casal Gerardo Cunha Mouta e Maria Bento Araújo Mouta, família na qual tivera 11 filhos, sendo Mazé a quarta entre os irmãos, como ela relembra *“Eu, sou eu e mais 10 irmãos. Eu sou a quarta desses 11. São cinco homens e 6 mulheres. Mas vale salientar que desses 11 tinha 5 doentes mentais”*.

Eu nasci numa fazenda chamada Iticaré que era dos meus avós e meu pai tinha uma casa lá, mas quando eu tinha 5 anos de idade eu fui pra Massapê, meu pai comprou uma casa na cidade e aí a gente já morou a partir de 5 anos em Massapê mesmo (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

O fato que motivou a família de Mazé mudar-se para a sede da cidade, foi a necessidade de colocar os filhos para estudar, uma vez que nos distritos a educação era insipiente. Filha de um pecuarista e de uma dona de casa, Dona Mazé teve acesso às primeiras letras ainda em casa com sua mãe e posteriormente foi alfabetizada em instituições escolares, como ela relembra *“a minha mãe era doméstica e o meu pai era criador de gado, ele tinha muito gado e ele já vinha de família que tinha gado e ele era muito entendido”*.

A biografada recorda que apesar do pai ter estudado pouco, este era lido pela sociedade como um homem de conhecimento no campo da pecuária, haja vista que este era chamado para realização de partos e até mesmo identificar alguma doença no gado.

Ainda sobre a escolarização de Mazé Mouta, o fato de conhecer as primeiras letras ainda em casa com sua mãe, era um hábito comum no século XX, pois as escolas, principalmente em locais distantes das capitais ou das grandes cidades, não atendiam toda a demanda existente, bem como as instituições existentes eram de baixa qualidade no sentido estrutural, bem como a formação de professores era incipiente (Gondra e Shueler, 2008).

A biografada ainda recorda que começou a estudar de forma institucional, ou seja, em instituições escolares, a sala de aula era multisseriada, ou seja, uma professora atendia a vários alunos de níveis de instrução totalmente distintos.

Comecei a estudar em Massapê. A mamãe ensinava a gente a ler e a escrever. Eu fui alfabetizada mesmo pela minha mãe em casa, mas os meus irmãos... a primeira escola que eu frequentei era vários alunos para uma só professora e com níveis de escolaridades diferentes (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

As escolas multisseriadas no Brasil foi e ainda é de acordo com Parentes (2014, p. 58), “uma prática que atende a um número reduzido de sujeitos, num espaço pequeno e com poucos profissionais, pode ser caracterizada como política de democratização do acesso à educação, ainda que tenha relegado a segundo plano as necessárias opções pedagógicas”. É importante salientarmos que essa política de multiseriação deixa a desejar na formação integral dos estudantes o que ocasiona uma deficiência para o ensino e aprendizagem dos alunos, pois apenas um professor não consegue suprir a necessidade de tantos alunos em níveis diferentes ao mesmo tempo.

Ainda sobre o início de sua escolarização, a biografada relata algumas memórias que tem desse tempo.

Era numa escola. Não lembro o nome da escola. Isso foi como se eu tivesse no primeiro ano, porque no meu segundo ano eu já lembro da sala de aula, separada, só os alunos do segundo ano que era o Grupo Escolar Vilebaldo Aguiar. Eu lembro que a professora era a professora Fabiola, eu lembro que ainda existia palmatória, eu lembro que ela colocava a gente de joelho, todo mundo de joelho. Era aquelas cadeiras duplas, que sentava dois alunos. Ela botava todo mundo de joelho se errasse alguma coisa. Ela fazia uma sabatina de tabuada (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

De acordo com a narrativa a biografada, ela estudou apenas um ano na escola multisseriada, ou seja, apenas a primeira série à época e logo foi para um grupo escolar chamado Vilebaldo Aguiar. A respeito dos grupos escolares, Veiga e Galvão (2024, p. 343), asseveram que eles “foram implantados como ideal de escola pública e caracterizados por um conjunto de inovações pedagógicas como a seriação e distribuição dos(as) alunos(as) em classes, por

graus de conhecimento, no sentido de se obter turmas o mais homogêneas possíveis”.

A biografada ainda relata como eram as salas de aula na década de 1960, época em que começou a estudar. As cadeiras eram duplas que comportavam dois alunos. A respeito da prática educativa da professora, ela relata que esta fazia uso dos castigos físicos como a palmatória, assim como colocava-os de joelho na sala de aula.

Sobre esses castigos físicos nas escolas, que é uma prática desde o Brasil Colônia e que se perpetuou até a segunda metade do século XX, de acordo com Lemos (2012, p. 628), esta “visava constituir e consolidar uma determinada cultura escolar, aqui entendida como um conjunto de normas, posturas e condutas impostas aos jovens, como forma de se obter uma disciplinarização do corpo e do espírito.”

Ao finalizar o ensino primário, Mazé Mouta fez o exame de admissão ao ginásio. Os alunos eram submetidos a esse tipo de exame com a finalidade de serem aptos a cursar as quatro séries ginasiais, ou seja, de quinta à oitava série.

Ao final o ensino primário os alunos passavam um ano se preparando para o exame de admissão. A preparação consistia em estudar durante um ano todas as disciplinas daquela época e ao final, realizam a avaliação, como ela relembra:

Eu participei do último ano de exame de admissão. Eu me preparei para o exame, lembro que era um livro muito alto, muito grande, a gente tinha que praticamente decorar aquele livro era todas as matérias porque muita gente ficava reprovado nesse exame de admissão e só seguia adiante se passasse e eu tinha estudado muito pra passar, porque é como se a escola pública tivesse só até essa série. A gente fazia o exame de admissão e ia para uma escola chamada Ginásio que era pela CNEC. Ginásio Massapeense, só que aí já era particular (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

Como a biografada ressalta, ela realizou o exame de admissão para ingressar ao ensino ginasial. O material de preparação era comprado pelos alunos para estudarem ao longo do ano. Ela ainda ressalta que muitos alunos

ficavam reprovados, pois o nível do exame era altíssimo. Sobre o exame de admissão, Ramires (2021, p. 1161), ressalta que,

“Entre os anos de 1931 a 1971, esses exames foram utilizados, oficialmente, como recurso de seleção dos alunos que finalizavam o ensino primário e queriam ingressar no secundário. O ginásio, por sua vez, era a porta de entrada para essa segunda etapa, de onde advém o nome exames de admissão ao ginásio. As provas dessa política nacional avaliativa foram aplicadas por colégios de referência da época”. (Ramires, 2021, p. 1161).

Como podemos perceber, o ingresso ao ginásio por meio do exame de admissão durou 40 anos no contexto educacional brasileiro. Teve início apenas nas escolas de referência na época e logo em seguida espalhou por toda a educação do país.

A biografada ainda ressalta que sua família tinha boas condições financeiras, por ser uma família ligada à política local, *“Os meus pais, eles tinham condição financeira, eles tinham condição boa, mas o meu pai, a família da mãe dele e do pai dele era família política, então o Ozires Pontes era primo legítimo da minha avó, aí ele dava uma bolsa de estudos pra mim”*. No entanto, é pertinente destacar que os pais pagavam a mensalidade da escola mensalmente, mas ao final do ano eram restituídos com o valor da bolsa novamente, como ela ainda destaca *“porque a bolsa era assim: o meu pai pagava todo mês, quando chegava no final do ano ele recebia o dinheiro todinho da bolsa* (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

O ensino ginásial, Mazé concluiu através da Campanha Nacional da Comunidade, a CNEC, que foi criada na década de 1940 com o intuito de ampliar o ensino secundário no território brasileiro, uma vez que essa etapa da educação nacional era a mais deficitária, haja vista que o Estado se preocupava mais com as instituições de ensino primário nos interiores dos estados.

A Campanha Nacional da Comunidade (CNEC) se originou ainda na década de 1940, momento em que o país vivenciava a experiência ditatorial do Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas, a partir de um golpe de Estado, em 1937,

“o projeto de criar um espaço onde filhos de homens e mulheres pobres pudessem seguir os estudos adentrando o ensino ginásial” (Silva, p. 2, 2018).

Nessa época a CNEC ofertava o ensino ginásial, bem como o Segundo Grau, (que atualmente conhecemos por ensino médio), e Mazé, ao concluir o ginásio teve interesse de seguir os estudos, no entanto, seu pai afirmou que não ia mais pagar o Segundo Grau, pois o destino da mulher tinha de ser casar e constituir família, como ela relembra em sua narrativa:

Terminei o ginásio que era até a oitava série antiga. Meu pai pagava mesmo recebendo essa bolsa. Quando eu terminei o oitavo ele disse que não pagava mais porque filha mulher não precisava estudar, era só pra aprender a ler e escrever porque ia ser mãe de família, casar e construir família. Aí eu reagi, eu disse: ah, meu pai, pois eu não vou querer isso pra mim não. Só se você pagar, aí eu comecei a pagar eu mesmo, porque a gente recebia no final do ano. O que me chateou foi isso, era como se fosse uma poupança, aí eu comecei a pagar, pra fazer o meu ensino médio eu dava aula particular nas casas de família, eu ensinava as tarefas escolares; aí tinha a quantidade de casa, por exemplo, eu estudava de manhã, aí tarde e noite eu dava aula o suficiente que dava pra mim pagar a mensalidade (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

É possível notarmos a insatisfação que a biografada teve com seu pai ao lhe negar o pagamento das mensalidades para cursar o Segundo Grau, todavia, isso não a fez desistir, pois para concluir seus estudos ela começou a dar aulas particulares nos turnos que não estava estudando para pagar a mensalidade de seus estudos.

Na década de 1970, época em que Mazé Mouta estava cursando o Segundo Grau, no contexto educacional brasileiro estava ocorrendo uma ascensão dos cursos técnicos, principalmente cursos voltados às áreas de contabilidade, engenharias (Romanelli, 1984), dentre outros, no entanto, a biografada resolve seguir os estudos na área da docência, na qual concluiu o ensino pedagógico, sendo sua turma a primeira da cidade a ser concluída.

Na década de 1980, Mazé recebe seu primeiro contrato de trabalho do então governador da época, Virgílio Távora, como ela relembra “aí eu caí nos estudos mesmo e fui trabalhar e em 1980 eu recebi meu contrato do estado. Logo que eu entrei, eu entrei no estado só com o terceiro ano, eu não tinha

faculdade não [...] eu ganhei um contrato do Virgílio Távora, ele era governador do Ceará na época”. (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

Mazé ainda relembra que naquele tempo o ingresso aos serviços públicos era via contrato de trabalho e indicação política. Como sua família era política, ela conseguiu, através do prefeito da cidade um contrato estadual para ministrar aulas no ensino primário em sua cidade.

O meu contrato do estado é do dia 9 de setembro de 1980 e eu vim pra Fortaleza em 1984, eu ainda trabalhei tudo isso nas escolas em Massapê. Passei 4 anos e seis meses, porque eu me aposentei no estado com 29 anos e 6 meses e 51 de idade. O contrato acompanhou sim, era contrato do estado normal aí ao longo do tempo se efetivou, porque na minha geração todos os contratos eram assim, não tinha seleção, não tinha concurso, não tinha nada, você só passava a ser professora, do estado ou da prefeitura se um político te desse, não tinha essa história de eficiência não (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

Mesmo após a conclusão do ensino pedagógico e logo com o ingresso ao mercado de trabalho, Mazé não parou de estudar, realizando posteriormente a graduação em Letras/Literatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, especialização em Administração escolar e gestão escolar para assumir a direção de uma escola em Fortaleza.

Ao ser transferida para a cidade de Fortaleza, uma vez que Mazé resolveu deixar sua cidade natal, ela foi lotada na escola estadual Adélia Brasil Feijó no bairro Conjunto Esperança na periferia da capital cearense. Ao chegar na escola, foi recebida por uma turma de quinta série na qual os professores, assim como a direção a denominava como a “turma mais difícil da escola” (Maria José, entrevista, 10/06/2024), no entanto, Mazé conseguiu superar o período de adaptação à escola e aos alunos, e no ano seguinte começou a ministrar aulas a partir do sistema de Televisão da TVC, ou seja, o sistema do Telensino, haja vista que era uma “modalidade de ensino fundamental regular via televisão” (Farias, 2000, p. 42).

De acordo com a narrativa da biografada, ela era,

acostumada a ensinar a quarta série, aí quando eu fui ensinar a quinta série eu ia ensinar pelo sistema de televisão TVC, eu passei por uma

capacitação lá no Imparh pra ensinar pelo telensino, eu fiquei pelo telensino muitos anos, porque no Adélia Brasil Feijó eles viram como era meu trabalho com os alunos, aí era assim, eu pegava uns meninos na quinta série, eu ficava até o oitavo, várias professoras acompanhavam a turma. No Telensino era todas as matérias, a gente assistia a aula junto com eles pela televisão, quando tinha manual de apoio a gente ia fazer a leitura pelo livro, e depois eles iam fazer a atividade pelo caderno de atividade e depois as correções das tarefas que a gente fazia, mas a gente era muito orientada porque tinha uma coordenadora da TVC que ela estava semanalmente (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

É possível perceber pela narrativa da biografada que existia uma preocupação e uma organização por parte do sistema televisivo a respeito do ensino, pois os professores antes de assumir a modalidade de ensino passavam por uma formação para se adaptarem ao material de estudo, bem como a parte estrutural do sistema.

O sistema do Telensino foi implantado em todo o Brasil na década de 1960, sendo a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa a responsável por investir na organização da Televisão Educativa TVE (Campos, 1980). A nível estadual, isto é, no Ceará, “o telensino foi apontado como solução do problema da escassez de professores prioritariamente nas zonas rurais e cidades do interior” (Fialho; Sousa e Nascimento, 2020, p.8), no entanto, podemos elucidar também que além de resolver os problemas do interior do estado, também foi de extrema relevância na capital cearense.

Após a permanência em sala de aula pelo sistema do telensino, Mazé aventurou-se em outro campo da sua formação, ou seja, a gestão. Primeiramente foi coordenadora de gestão e posteriormente diretora da Escola Adélia Brasil Feijó. Mazé afirma que se identificava bastante com os alunos e se identificava com eles, como ela relembra:

Eu sempre me identifiquei muito com os alunos. Eu era muito enérgica, se um menino precisasse eu escutava, eu ouvia, eu dava conselhos, eu levava pra minha casa, então eu dava assistência muito grande pra esses meninos nesse sentido. Aí primeiro eu fiz o concurso para coordenadora de gestão, porque como eu tinha essa habilidade de lidar com os alunos e o coordenador de gestão da minha época tinha que ir atrás dos alunos nas comunidades, dos alunos faltosos, você frequentava a casa do aluno. A coordenadora de gestão era responsável pelos jogos, era responsável por todos os esportes e eu

sempre gostei muito disso. Como eu nunca trabalhei com educação infantil, então o adolescente pra mim sempre foi a minha praia. Eu fiz o concurso pra ser coordenadora de gestão e fiquei por 4 anos (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

Como coordenadora de gestão, a biografada pôde estar presente na realidade dos alunos de sua escola, conhecendo principalmente suas potencialidades nos esportes e suas dificuldades por ser residentes na periferia de uma capital, onde lidam com muitas desigualdades e inseguranças.

Após da coordenação de gestão, Mazé se candidatou para diretora da escola, na qual conseguiu eleger-se, fato que ela atribui ao seu trabalho de quatro anos enquanto estava à frente da coordenação de gestão como já foi citado anteriormente. Sobre seu tempo enquanto diretora, bem como seu trato com o corpo discente, a biografada relembra quê:

Tinha aluno danado, tinha aluno drogado, tinha tudo que você possa imaginar. Como professora e também como gestora, eu sempre tive uma relação muito boa com os meninos, mas eu cheguei a separar briga de aluno. Sempre existia rivalidade, por exemplo, o Adélia Brasil Feijó com o Maria Margarida de Castro, os alunos tinham rivalidade entre si, não era o professor, não era a direção, eram os próprios alunos (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

É possível perceber que havia muitos conflitos por parte dos alunos na escola, e Mazé argumenta que não era problema de aluno com professores ou com a gestão, era com outros alunos da mesma escola, bem como de outra escola do mesmo bairro, sendo assim, o trabalho do diretor escolar, nessas situações, é de mediar conflitos para não gerar piores agravantes, uma vez que alguns alunos eram usuários de drogas, o que dificultava a convivência desses alunos no ambiente escolar, o que ocasionou, em algumas vezes, em transferência de escolas, pois a permanência de alguns alunos no ambiente escolar era insustentável.

A violência no ambiente escolar está cada vez mais presente, pois começam pelo desrespeito com seus pares. De acordo com Silva e Sales (2010, p.217) “a violência é conceituada como um ato de brutalidade, física e/ou

psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo e terror”.

Apesar de todo o contexto de dificuldade em relação à convivência dos alunos na escola, Mazé Mouta ressalta que sempre gostou de trabalhar com seus alunos adolescentes e que “eu não poderia ter escolhido uma profissão melhor, eu sou apaixonada pela educação e eu queria era ter poder pra trabalhar exatamente com esses adolescentes, porque o adolescente sempre foi a minha praia, eu sempre soube lidar com eles” (Maria José, entrevista, 10/06/2024).

A professora Mazé atualmente é aposentada da escola pública, onde dedicou 25 anos de sua vida ao magistério, no entanto, continua sua atuação em escola particular do mesmo bairro periférico da cidade de Fortaleza, ou seja, o bairro Conjunto Esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou compreender o processo formativo e atuação docente da professora Mazé Mouta na periferia de Fortaleza. Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos aos estudos biográficos, amparados nos pressupostos teóricos da História Cultural, e metodologicamente na História oral, na qual utilizamos as entrevistas temáticas com a biografada.

Os resultados apontam que Mazé Mouta é a quarta filha de uma família de onze filhos e que nasceu em Massapê na região norte do Ceará. Teve acesso às primeiras letras ainda em casa através de sua mãe e posteriormente, para escolarização, ingressou em uma escola na qual as salas eram multisseriadas. No entanto, apenas a primeira série do ensino primário foi dessa forma, uma vez que a partir da segunda série já inicia o processo de seriação normalmente a partir de casa nível.

É importante mencionar também que Mazé Mouta teve acesso a boas escolas, pois seus pais detinham boas condições financeiras para custear os estudos de seus filhos, como por exemplo ao grupo escolar Vilebaldo Aguiar a

partir das Campanha Nacional das comunidades a CNEC que era uma instituição paga.

Mazé Mouta concluiu o Segundo Grau com habilitação ao ensino pedagógico pela CNEC e posteriormente formou-se em Letras-Literatura na Universidade Estadual Vale do Acaraú. Importa mencionar ainda que antes mesmo de ingressar ao ensino superior, Mazé já lecionava através de um contrato de trabalho que lhe foi dado pelo governador Virgílio Távora na década de 1980.

Na cidade de Fortaleza, Mazé Mouta dedicou 25 anos de sua vida ao magistério, na Escola Adélia Brasil Feijó, desenvolvendo as atividades de docência por meio do Telensino, depois como coordenadora de gestão na qual tinha um contato direto com a realidade dos alunos da comunidade que fazia parte de sua escola, e posteriormente, já ao final de sua carreira profissional, antes de aposentar-se, assumiu a direção da escola, na qual contribuiu como gestora por mais quatro anos.

Sabemos que os estudos biográficos não têm a pretensão de esgotar a vida completa de um sujeito, nesse caso, a biografia da referida professora contribui não só para conhecermos sua história de vida, mas também para conhecermos aspectos que lhe atravessam assim como atravessam outras professoras que foram inseridas nos mesmos contextos educacionais da biografada em tela.

Referências

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bessanesi (organizadora). **Fontes Históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

BORGES, Vany Pacheco. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; *et al.* **Fontes Históricas**. 3 ed São Paulo: Contexto, 2015.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução: Sérgio Góes de Paula; [tradução das atualizações Maria Luiza X. de A. Borges]. 3ª ed. rev. e ampl. - Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2021.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da**

historiografia. Tradução de Nilo Odália. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

CAMPOS, Gerardo José. *Televisão objeto de ensino para uma educação de sujeitos*. 1983. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1983.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Raynara Maciel da.; COSTA, Maria Aparecida Alves da.; CARVALHO, Scarlett O'hara Costa. Maria Lucilda Nunes Barbosa: memórias de sua trajetória formativa e docência. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 4, e49128, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v4> Acesso em: 22 ago. 2024.

COSTA, Maria Aparecida Alves da. **Educação e Docência da Travesti Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2007-2018)**. 2023. 207 f. Tese (Doutorado em 2023) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=109654> Acesso em: 29 de agosto de 2024.

COSTA, Maria Aparecida Alves da. **Maria Cinobelina Elvas: docência na escola normal (1981-1988)**. 2019. 125 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2019) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=95576> Acesso em: 29 de agosto de 2024.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FARIAS, M. F. O telensino no cenário nacional e local das políticas de educação a distância. In: FARIAS, I. S. (Org.). **Docência no telensino: saberes e práticas**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000

FIALHO, Lia Machado Fiuza; FREIRE, Vitória Chérída Costa; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. O protagonismo da professora Zuleide Fernandes Queiroz. **RBPB - Revista Brasileira da Pós-Graduação**, v. 18, p. 1-26, 2023. <https://doi.org/10.21713/rbpg.v18iespecial.1881> Acesso em 29 ago. 2024.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; SALES, José Álbio Moreira. Pesquisas biográficas na História da Educação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 26, n. 3, 2019. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/12743/6898> Acesso em 22 ago. 2024.

FIALHO, Lia Machado Fiuza Fialho; COSTA, Maria Aparecida Alves; LEITE, Hugo de Oliveira. Maria Margarete de Sampaio Braga: trajetória docente, experiências e sociabilidade (1970-2015). **Revista Momento - Diálogos em Educação**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 31, n. 1, p.203-227, 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/13775> Acesso em 22 ago. 2024.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade; NASCIMENTO, Lorena Brenda Santos. Biografia da educadora Josete Sales: reflexos da formação de professoras no Ceará. **Roteiro**, v. 45, 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/23790> Acesso em: 29 ago. 2024.

FIALHO, Lia Machado Fiuza. et al. Biografia de Alba de Mesquita Frota e a educação das moças no curso normal no início do século XX. **Cadernos CEDES**, v. 44, n. 122, p. 60-71, jan. 2024. <https://doi.org/10.1590/CC271179> Acesso em: 29 ago. 2024.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; CARVALHO, Scarlett O'hara Costa. História e memória do percurso educativo de Célia Goiana. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 22, p. 137-157, 2017. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/992> Acesso em: 29 ago. 2024.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; LIMA, Ana Michele Silva; QUEIROZ, Zuleide Fernandes. Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra. **Educação Unisinos**, v. 23, p. 48-67, 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.231.04> Acesso em: 29 ago. 2024.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONDRA, José Gondra; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990.

LE MOS, Daniel Cavalcanti de Albuquerque. Os cinco olhos do diabo: os castigos corporais nas escolas do século XIX. **Educação Real**, Porto Alegre, v.37, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/mZNkBWyrFJhPpgFCyWW9HPj/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 29 ago. 2024.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da Biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MOUTA, Maria José de Araújo. **Entrevista**. Entrevista concedida à pesquisadora Maria Aparecida Alves da Costa. Fortaleza, 10 de junho de 2024.

MEIHY, José Carlos Sabe. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

NOGUEIRA, Aurinete Alves; CUNHA, Fernanda Ielpo da; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Trajetória de Vida e Formação Profissional da Professora Fátima Sampaio da Silva (1972-1994). **Educação & Formação**, [S. l.], v. 8, p. e11937, 2023. DOI: 10.25053/redufor.v8.e11937. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/11937>. Acesso em: 30 ago. 2024.

PARENTES, Cláudia da Mota Darós. Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro. **Ensaio: avaliação, política pública educacional**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 82, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/DrWKHc9xpY9X9SmwK7K6wZw/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 29 ago. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 3. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

RAMIRES, Késia. Os exames de admissão ao Ginásio: o que as soluções dos alunos revelam quanto ao ensino de frações. **Bolema**, Rio Claro, v. 35, n.70, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/kBN4dnMBMZSm9tZFtdv9Sfh/?format=pdf> Acesso em: 27 ago. 2024.

ROMANELLI, Otaíza de Oliceira. **História da Educação no Brasil: 1930/1973**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984. 6ª ed.

STASCXAK, Francinalda Machado, PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; COSTA, Maria Aparecida Alves da. Caminhos teóricos-metodológicos de pesquisas biográficas na perspectiva de gênero. In: FIALHO, Lia Machado Fiuza (org). **Biografias e histórias da formação de mulheres educadoras** [recurso eletrônico]/Fortaleza: EdUECE, 2023. p.15-38.

SILVA, Cíntia Lopes da; SOUSA, Ana Beatriz Alves Costa de; COSTA, Maria Aparecida Alves da. Reflexões acerca da escolarização e docência de Eunice Soares de Lima. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6214/5434> Acesso em: 22 ago. 2024.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e.; SALLES, Leila Maria Ferreira. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de intervenção. **Educar em**

Revista, Curitiba, número especial 2, p. 217-232, 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/er/a/58prxNcd4bFt6cLF9swktFL/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em: 10 out. 2024.

SILVA, Silvia Tavares. A campanha nacional de escolas da comunidade - CNEC: sua trajetória e alinhamento com as políticas educacionais dos governos militares. Anais... **V CONEDU - Congresso Nacional de Educação**. Editora Realize, Recife-PE, 2018. Disponível em:
<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45576> Acesso em: 30. ago. 2024.

SOARES, Carla Poennia Gadelha; VIANA, Tânia Vicente. Jovita Alves Feitosa: memórias que contam a história da educação nas prisões cearenses. **Educação & Formação**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 140-158, 2016. DOI: 10.25053/edufor.v1i1.1535. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/96>. Acesso em: 30 ago. 2024.

VEIGA, Juliana Goretti Aparecida Braga; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Interfaces entre o processo de legitimação do grupo escolar como instituição de saber e a ressignificação do lugar simbólico de Ouro Preto como cidade monumento. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 30, n. 53, 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/vh/a/ccTxqHXwGnhrhgBK7Js3jJq/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 29 ago. 2024.

XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. **História, memória e educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2018.

Recebido em: 10/10/2024.

Aprovado em: 17/11/2024.

Publicado em: 04/02/2025.